

## **CAMINHOS DOS PRONOMES PESSOAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE DADOS DO PROJETO ALIB**

Suzana Alice Marcelino CARDOSO\*

**RESUMO.** Fato consabido é o caminho seguido pelos pronomes pessoais no português brasileiro. Estudos diversos têm sido produzidos com base em dados de cunho regional ou referentes a estratos sociais. Uma visão, porém, de caráter nacional não se encontra, ainda, disponível. O Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), que se propõe oferecer uma macro visão do português brasileiro, focado nos seus diferentes níveis — fonético, lexical, morfossintático, pragmático-discursivo —, fornece elementos que levam ao conhecimento da realidade nacional. Neste trabalho, examinam-se, pois, dados referentes ao uso dos pronomes pessoais no território brasileiro, seguindo a visão da Geolingüística Pluridimensional e observados com a aplicação dos questionários lingüísticos do ALiB, pretendendo-se apresentar um retrato da realidade atual visto (i) na perspectiva da diversidade regional, diatópica e (ii) segundo os usos que se estabelecem conforme as variáveis sociais consideradas — diastrática, diageracional, diagenérica. Resultados de estudos dessa natureza levam ao conhecimento da realidade do português brasileiro e contribuem para um melhor equacionamento do ensino-aprendizagem da língua materna majoritariamente falada às realidades regionais.

**PALAVRAS-CHAVE.** Dialectologia, Geolingüística, Português brasileiro, Atlas lingüístico, Morfossintaxe.

### **Introdução**

O tema objeto desta comunicação — os pronomes pessoais no português brasileiro — tem sido visitado, sobretudo da segunda metade do século XX para cá, por vários estudiosos e especialistas, nesse campo, que vêm caminhando na direção de uma região específica ou de uma área mais ampliada, ou mesmo refletindo sobre os usos de falantes, considerando variáveis sociais. Uma visão, porém, global e de caráter nacional inexistente.

---

\* UFBA, Instituto de Letras, Departamento de Letras Vernáculas, Instituto de Letras, sala 130, Av. Barão de Geremoabo, s/n, 40170-290, Salvador-Bahia-Brasil, suzalice@ufba.br.

Inexiste não porque se desconheçam a importância e a necessidade de se dispor de resultados dessa natureza, muito pelo contrário, isto é *consensus unus*, ou porque nossos lingüistas não tenham atentado para essa realidade, mas pela dificuldade de contar com dados empíricos, recolhidos *in loco*, de fundamental importância para a descrição da realidade lingüística com comprovada validade científica, colhidos aos quatro ventos do país, dados que reflitam a realidade segundo o espírito apregoado por Marroquim ([1934] 1996. p.9) já nos começos do século XX, e assim expresso:

Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridade e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral, que se fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.

O seu pensamento fazia eco às preocupações de Amaral ([1920] 1976, p. 43) que sentia a necessidade de se definir o que é, realmente, o “dialeto brasileiro”, para o qual ainda não tinham sido apontadas as características que o configuravam como tal, como se lê no seu quase desabafo:

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por Autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados.

Com esta comunicação, que ainda não nos permite atender plenamente aos apelos dos nossos dialetólogos, busca-se fornecer uma amostra do que será facultado — espera-se que sem muito tardar — pelo atlas lingüístico do Brasil, que nos há de permitir, assim, uma visão global da realidade nacional, neste caso específico, no tocante ao conhecimento de

como se comportam os pronomes pessoais no português brasileiro. Para esta apresentação, (i) parte-se de um breve passeio pelo que já tem sido feito nesse campo, (ii) examinam-se dados já recolhidos pelo projeto ALiB e (iii) busca-se apresentar um perfil, inicial sem dúvida, do caminho seguido por essa categoria funcional no português brasileiro.

### **Um breve passeio pelo caminho brasileiro dos pronomes pessoais**

Para esse breve passeio, põe-se em destaque o trabalho de Freitas (1997), dos primeiros a tratar dos pronomes pessoais sujeito no português do Brasil numa perspectiva geo-sociolingüística e visando a uma aplicação ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Pedagoga, porque, por muitos anos, professora na Universidade Federal da Bahia (UFBA) da disciplina Metodologia da Língua Portuguesa, mas, principalmente, dialetóloga — colaboradora do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963) e co-autora do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (1987) — e integrante da Equipe do Projeto NURC desde a sua implantação em 1969, Freitas, servindo-se dos dados do Projeto NURC/Brasil cuidou dos pronomes pessoais-sujeito e procurou dar o grande passo da teoria à práxis, buscando, com base no quadro brasileiro que esse projeto faculta, transferir o que a teoria prega e o que os dados podem oferecer à prática do ensino.

Publica, assim, em 1997, *Os pronomes pessoais-sujeito no ensino fundamental* e *Os pronomes pessoais-sujeito no ensino médio*, trabalho de cunho didático no qual faz um convite à reflexão, propõe a atualização de uma página da gramática e tece considerações sobre o comportamento em sala de aula no que concerne a essa categoria. Com base no que

revelam os dados do Projeto NURC, portanto, considerando o que se passa em cinco capitais brasileira — como é consabido, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — apresenta um quadro dos pronomes pessoais sujeito com conteúdo determinado e descreve os pronomes pessoais sujeito com conteúdo indeterminado. Esse estudo, em que pese o seu caráter eminentemente didático e de orientação para professores no ensino da língua materna, situa-se entre os primeiros que, partindo de dados empíricos recolhidos *in loco*, como o são os dados do Projeto NURC, empreende uma reflexão sobre a questão e propõe caminhos para a metodologia do ensino no que se refere ao capítulo pronomes pessoais sujeito.

A esse trabalho, juntam-se, no curso do tempo e até o presente, muitos outros, com enfoques distintos, buscando ou a discussão teórica, ou a descrição de uma realidade areal, ou a comparação entre dados de regiões distintas, como se pode ilustrar, entre muitos, com os publicados por Faraco (1996), Monteiro (1997), Ramos (1997), Vitral e Ramos (1999), Menon (2000) e Paredes Silva (2000, 2003) a que se junta um numeroso rol de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado que vêm sendo produzidas sobre o tema,

No curso do tempo, porém, mas muito além, e para concluir este breve passeio, está o testemunho de Marroquim que, em 1943, ao escrever *A língua do Nordeste* se voltava para os “Pronomes” para, sobre eles, fazer afirmações que mostram o caminho que já vinham perseguido, àquela altura, os pronomes pessoais no Brasil. Trabalho voltado, como se sabe, para a descrição do português de Alagoas e Pernambuco, uma fração do Nordeste, apresenta características da língua na região, no que diz respeito a esse item da gramática, que passam a ser postas em destaque.

Abrindo o capítulo PRONOMES, o autor mostra a diversidade de pronomes aplicados ao receptor e escalona-os segundo a preferência de usos, declarando que “Na

língua matuta, os pronomes de 2ª pessoa mais usados, em ordem decrescente, são: *tu, você e vós*” (1996, p. 85). Da sua afirmação merece destaque a classificação de *você* como pronome de 2ª pessoa, assumindo, assim, uma posição clara, e já àquela época, quanto à sua categorização. Complementa essa informação com um comentário de cunho sociolinguístico, mostrando o perfil diastrático da seleção de usos, ao esclarecer que “As classes cultas, familiarmente, só empregam *você*” (ib.). Essa declaração leva a duas considerações conclusivas: (i) *você* é forma presente na norma culta, mas (ii) o seu uso tem um perfil definido, ou seja, está presente na fala coloquial e na intimidade familiar, do que se pode inferir que não se constituiu em forma aceitável em contextos formais.

No que concerne à compatibilização com a forma verbal, define situações e padrões de ocorrência, apontando para o falar carioca o que denomina “erro vulgar” (1996, p 85) : o emprego, ao mesmo tempo, da segunda e da terceira pessoas numa mesma frase. Assinala para o Nordeste um tipo particular de flexão para a segunda pessoa do pretérito do indicativo, afirmando que

É comum ouvir de senhores de engenho, fazendeiros, comerciantes, o emprego do pretérito do indicativo na 2ª pessoa, com a **flexão dialetal** (grifo nosso): “João, *tu fizesse* o serviço? Faz isso depressa, *uvisse*?”

Essa forma verbal — é fato facilmente verificável — está alargando seu campo de emprego; já invadiu a zona das cidades, já é ouvida até na boca de pessoas relativamente instruídas. (1996, p. 86)

Trazer a presença de Marroquim na finalização deste passeio tem um objetivo particular: mostrar que *você* já havia sido assumido como pronome, na primeira metade do século passado, pelo menos por esse autor.

Com estas breves considerações de caráter histórico, que não buscam a exaustão, mas visam apenas trazer um aporte ilustrativo com dados de tempos esparsos, passa-se ao

exame do que já nos pode oferecer a documentação recolhida pelo Projeto ALiB, particularmente quanto ao uso de *tu* e *você*;

### **O que vem revelando o Projeto ALiB**

Os dados que se tomam para esta amostragem da realidade dos pronomes pessoais sujeito no português brasileiro referem-se a oito capitais de Estado — Aracaju, João Pessoa, Maceió, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Teresina. Para tanto, considera-se não só a resposta específica obtida através da aplicação das perguntas pertinentes do Questionário Morfossintático, como também todas as ocorrências no corpo da entrevista, que compreende além das referidas respostas, aquelas outras relativas à aplicação dos Questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical, a que se acrescentam as ocorrências nas Questões de Pragmática, nas Questões Metalingüísticas e nos Temas para Discursos Semi-dirigidos. São, assim, registros documentadas a um total de 64 informantes, oito por localidade, equitativamente distribuídos conforme o gênero, a faixa etária — faixa I - 18 a 30 anos e faixa II – 50 a 65 anos — e a escolaridade — Fundamental, correspondendo aos oito primeiros anos de escolaridade, e Universitário.

Iniciado em 1996 e com informações sobre o seu andamento que circulam no meio acadêmico<sup>1</sup> o Projeto ALiB tem por meta a realização de um atlas nacional, com vistas à descrição e ao mapeamento do português brasileiro, desiderato que permeia a comunidade de dialectólogos do país desde meados do século XX. Buscando recobrir as diferentes áreas e as variadas situações dos usos lingüísticos, o Projeto ALiB tem como rede de pontos um

---

<sup>1</sup> Informações gerais sobre o Projeto encontram-se no site [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br).

conjunto de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional — uma área de 8.511.000 km<sup>2</sup> —, para cuja seleção se procurou contemplar as diferentes situações culturais, as áreas de limites internos e internacionais bem como a representatividade do ponto para a sócio-história do país, além da densidade demográfica (Quadro 1). Observe-se que a distribuição de pontos conforme a densidade demográfica explica o adensamento encontrado em certas áreas, como São Paulo, situado na Região Sul, e a rarefeita malha em outras, como a Região Norte, onde se localiza a Floresta Amazônica, ou a Região Centro-Oeste, contemplada com vastas áreas de pantanal.

**Quadro 1 - Rede ALiB: relação entre o número de pontos e a densidade demográfica da região**

<b>REGIÃO</b>	<b>DENSIDADE DEMOGRÁFICA</b>	<b>Nº DE PONTOS</b>
NORTE	16,9	24
NORDESTE	69,6	78
SUDESTE	108,5	80
SUL	37,8	44
CENTRO-OESTE	17,0	24

O Projeto ALiB tem, assim, o objetivo maior de mapear o português brasileiro numa perspectiva diatópica, oferecendo controle sistemático das variáveis sociais, o que vai permitir uma visão geo-sociolingüística da nossa língua majoritariamente falada, com resultados focalizados numa perspectiva pluridimensional. Presentemente o Projeto encontra-se com mais de 50% dos pontos documentados e tem concluído o registro das

capitais de estado de todo o Brasil. Este acervo, que não inclui Palmas, capital do Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, por não preencherem, em virtude da data de fundação, os critérios estabelecidos para o Projeto, reúne dados das 25 outras capitais e vem sendo tratado com vistas à publicação do Volume I do ALiB.

### ***TU / VOCÊ: os dados considerados***

Os dados do Projeto ALiB objeto de análise foram obtidos a partir da documentação referente a oito capitais selecionadas — Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Teresina, localizadas na Região Nordeste, e Rio de Janeiro e São Paulo, situadas na Região Centro-Oeste —, cujo levantamento foi feito, com base nos registros em mini *disc*, num total aproximado de 192 horas de gravação, e/ou das respectivas transcrições grafemáticas, por estudantes Bolsistas de Iniciação Científica.<sup>2</sup>

Examina-se, nesta comunicação, o conjunto de dados na perspectiva diatópica, diageracional, diagenérica e diastrática, procurando, assim, fornecer, uma amostragem da realidade que se esboça no país, pelo menos no que diz respeito ao que refletem essas duas regiões e a partir dos estados considerados.

### ***TU / VOCÊ: variação diatópica***

---

<sup>2</sup> Ana Paula Santana (Salvador, todos os informantes), Camila Gusmão (Aracaju, Maceió e Recife, todos os informantes), Nara Carvalho (João Pessoa, infs, 1 e 2) que se responsabilizaram pelos inquéritos indicados para cada um deles. Na elaboração desta comunicação foi significativa a contribuição da Bolsista de Iniciação Científica Isamar Neiva, que fez a revisão e a tabulação dos dados, a quem registro particular agradecimento



Para as considerações de caráter diatópico, tomam-se duas regiões para confronto: a Nordeste e a Centro-SUL. Uma observação, porém, se faz necessária, de antemão: a localização da Bahia na Região Nordeste, determinada pela Divisão Territorial do Brasil estabelecida pelo IBGE, do ponto de vista lingüístico e considerando a divisão lingüística de Nascentes (1953) obedece a outra situação. Assim, segundo Nascentes, a Bahia pertence à Região Sul, a uma área especificamente denominada por ele de “falares baianos”, a que se juntam Sergipe, parte de Goiás, e atualmente, parte de Tocantins, e o Norte de Minas Gerais. Isso talvez explique o que a Tabela 1 reflete sobre Salvador: esta capital está, quanto à ausência de documentação de *tu*, reunida ao Rio de Janeiro e São Paulo. As demais capitais consideradas, ainda que com percentuais baixos, registram a presença de *tu*.

**Tabela 1 – TU / VOCÊ: Distribuição diatópica**

Pronomes	TU		VOCÊ		TOTAL GERAL	
	n° ocorrências	%	n° ocorrências	%	n° ocorrências	%
<b>Localidades</b>						
<b>ARACAJU</b>	03	6	46	94	49	100
<b>MACEIÓ</b>	04	6	60	94	64	100
<b>RECIFE</b>	06	16	31	84	37	100
<b>SALVADOR</b>	--	0	85	100	85	100
<b>JOÃO PESSOA</b>	09	13	60	87	69	100
<b>TERESINA</b>	05	13	32	87	37	100
<b>SÃO PAULO</b>	--	--	189	100	189	100
<b>RIO DE JANEIRO</b>	--	--	182	100	182	100
<b>TOTAIS</b>	<b>27</b>		<b>685</b>		<b>712</b>	

*TU / VOCÊ*: variação diagenérica

A Tabela 2 apresenta o quadro da distribuição diagenérica. Como se pode observar, encontra-se documentada a prevalência de uso de *você* em ambos os gêneros, notando-se que as ocorrências de *tu* são, quantitativamente, pouco representativas.

**Tabela 2 – TU / VOCÊ: Distribuição diagenérica**

	TU				VOCÊ				TOTAL	
	Homem		Mulher		Homem		Mulher		Oc.	%
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%		
<b>ARACAJU</b>	<b>01</b>	<b>2</b>	<b>02</b>	<b>5</b>	<b>20</b>	<b>41</b>	<b>26</b>	<b>53</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
<b>MACEIÓ</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>40</b>	<b>63</b>	<b>20</b>	<b>31</b>	<b>64</b>	<b>100</b>
<b>RECIFE</b>	<b>03</b>	<b>8</b>	<b>03</b>	<b>8</b>	<b>12</b>	<b>32</b>	<b>19</b>	<b>52</b>	<b>37</b>	<b>100</b>
<b>SALVADOR</b>	--	--	--	--	<b>56</b>	<b>66</b>	<b>29</b>	<b>34</b>	<b>85</b>	<b>100</b>
<b>JOÃO PESSOA</b>	<b>07</b>	<b>10</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>21</b>	<b>30</b>	<b>39</b>	<b>57</b>	<b>69</b>	<b>100</b>
<b>TERESINA</b>	<b>05</b>	<b>14</b>	--	--	<b>14</b>	<b>38</b>	<b>18</b>	<b>49</b>	<b>37</b>	<b>100</b>
<b>SÃO PAULO</b>	--	--	--	--	<b>125</b>	<b>66</b>	<b>64</b>	<b>34</b>	<b>189</b>	<b>100</b>
<b>RIO DE JANEIRO</b>	--	--	--	--	<b>54</b>	<b>33</b>	<b>110</b>	<b>67</b>	<b>164</b>	<b>100</b>
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>		<b>11</b>		<b>318</b>		<b>367</b>		<b>712</b>	

**TU / VOCÊ: variação diageracional**

No que diz respeito à variação diageracional, como sucede no caso anterior em relação ao gênero, prevalece o uso de *você* nas duas faixas etárias. Um destaque, porém, merece ser feito quanto ao uso de *tu*, apesar dos índices registrados: em João Pessoa, o *tu* ocorre mais entre os idosos — 10% ao lado de 3% para a faixa jovem —, enquanto em Teresina só comparece na fala dos jovens, como exhibe a Tabela 3.

**Tabela 3 – TU / VOCÊ: Distribuição diageracional**

	TU				VOCÊ				TOTAL	
	Faixa 1		Faixa 2		Faixa 1		Faixa 2		Oc.	%
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%		
<b>ARACAJU</b>	<b>03</b>	<b>6</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>17</b>	<b>35</b>	<b>29</b>	<b>59</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
<b>MACEIÓ</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>37</b>	<b>58</b>	<b>23</b>	<b>36</b>	<b>64</b>	<b>100</b>
<b>RECIFE</b>	<b>04</b>	<b>11</b>	<b>02</b>	<b>5</b>	<b>13</b>	<b>35</b>	<b>18</b>	<b>49</b>	<b>37</b>	<b>100</b>
<b>SALVADOR</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>25</b>	<b>29</b>	<b>60</b>	<b>71</b>	<b>85</b>	<b>100</b>
<b>JOÃO PESSOA</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>07</b>	<b>10</b>	<b>35</b>	<b>51</b>	<b>25</b>	<b>36</b>	<b>69</b>	<b>100</b>
<b>TERESINA</b>	<b>05</b>	<b>13</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>14</b>	<b>38</b>	<b>18</b>	<b>49</b>	<b>37</b>	<b>100</b>
<b>SÃO PAULO</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>87</b>	<b>46</b>	<b>102</b>	<b>54</b>	<b>189</b>	<b>100</b>
<b>RIO DE JANEIRO</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>--</b>	<b>57</b>	<b>35</b>	<b>107</b>	<b>65</b>	<b>164</b>	<b>100</b>
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>		<b>11</b>		<b>318</b>		<b>367</b>		<b>712</b>	

#### 2.1.4 TU / VOCÊ: variação diastrática

A distribuição conforme o nível de escolaridade também confirma a preferência pelo uso de *você*. Note-se, porém, como demonstra a Tabela 4, que (i) as capitais do Nordeste, consideradas, todas elas registram *tu*; (ii) Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo apresentam apenas o uso de *você*; (iii) das capitais nordestinas examinadas, Teresina ocupa lugar distinto uma vez que a presença de *tu* só ocorre entre falantes com curso fundamental, o que põe esta capital, no que concerne aos falantes de nível universitário, ao lado das três outras mais ao Sul.

**Tabela 4 – TU / VOCÊ: Distribuição diastrática**

	TU				VOCÊ				TOTAL	
	Fundamental		Universitário		Fundamental		Universitário		Oc.	%
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%		
<b>ARACAJU</b>	<b>02</b>	<b>4</b>	<b>01</b>	<b>2</b>	<b>18</b>	<b>37</b>	<b>28</b>	<b>57</b>	<b>49</b>	<b>100</b>
<b>MACEIÓ</b>	<b>03</b>	<b>5</b>	<b>01</b>	<b>1</b>	<b>35</b>	<b>55</b>	<b>25</b>	<b>39</b>	<b>64</b>	<b>100</b>
<b>RECIFE</b>	<b>04</b>	<b>11</b>	<b>02</b>	<b>5</b>	<b>12</b>	<b>33</b>	<b>19</b>	<b>51</b>	<b>37</b>	<b>100</b>
<b>SALVADOR</b>	--	--	--	--	<b>29</b>	<b>34</b>	<b>56</b>	<b>66</b>	<b>85</b>	<b>100</b>
<b>JOÃO PESSOA</b>	<b>02</b>	<b>3</b>	<b>07</b>	<b>10</b>	<b>21</b>	<b>30</b>	<b>39</b>	<b>57</b>	<b>69</b>	<b>100</b>
<b>TERESINA</b>	<b>05</b>	<b>13</b>	--	--	<b>14</b>	<b>38</b>	<b>18</b>	<b>49</b>	<b>37</b>	<b>100</b>
<b>SÃO PAULO</b>	--	--	--	--	<b>141</b>	<b>75</b>	<b>48</b>	<b>25</b>	<b>189</b>	<b>100</b>
<b>RIO DE JANEIRO</b>	--	--	--	--	<b>48</b>	<b>29</b>	<b>134</b>	<b>82</b>	<b>164</b>	<b>100</b>
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>		<b>11</b>		<b>318</b>		<b>367</b>		<b>712</b>	

**Para concluir, um pensamento de caráter geral**

Os dados, ainda que parciais porque referentes a oito capitais brasileiras, mostram a posição de proeminência de *você* em relação a *tu* como pronome de referência ao interlocutor. Outros aspectos, que o tempo desta comunicação não comporta, são, também, de interesse para esta análise:

- a compatibilização com a pessoal verbal e com os pronomes pessoais,
  - a natureza do discurso,
  - o grau de maior ou menor informalidade da elocução,
- aspectos que no estudo global dos dados do ALiB estão sendo considerados.

## Referências

FREITAS, Judith. *Os pronomes pessoais sujeito no ensino fundamental*. Teoria gramatical e Orientação do professor. Salvador: EDUFBA, 1997.

FREITAS, Judith. *Os pronomes pessoais sujeito no ensino médio*. Teoria gramatical e Orientação do professor. Salvador: EDUFBA, 1997.

FARACO, Carlos Almeida. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, n. 13, Curitiba, p. 51-82, 1996.

RAMOS, Jânia M. O uso das formas “você”, “ocê” e “cê” no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 43-59.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica?. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, n. 3, São Paulo, p. 55-63, 1999.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II. 1961.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: HUICITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro:Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

MONTEIRO, José Lemos. O sistema pronominal na região nordeste. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*, 1997, p.513-515,

MENON, Odete Pereira da Silva. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu/voc}e/osenhora em Vinhaaas da Ira. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2000, p.121-164.

PAREDES SILVA, Vera. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *II Congresso Nacional da ABRALIN*. 2000.(CD-rom).

PAREDES SILVA, Vera. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCATATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p.160-169.